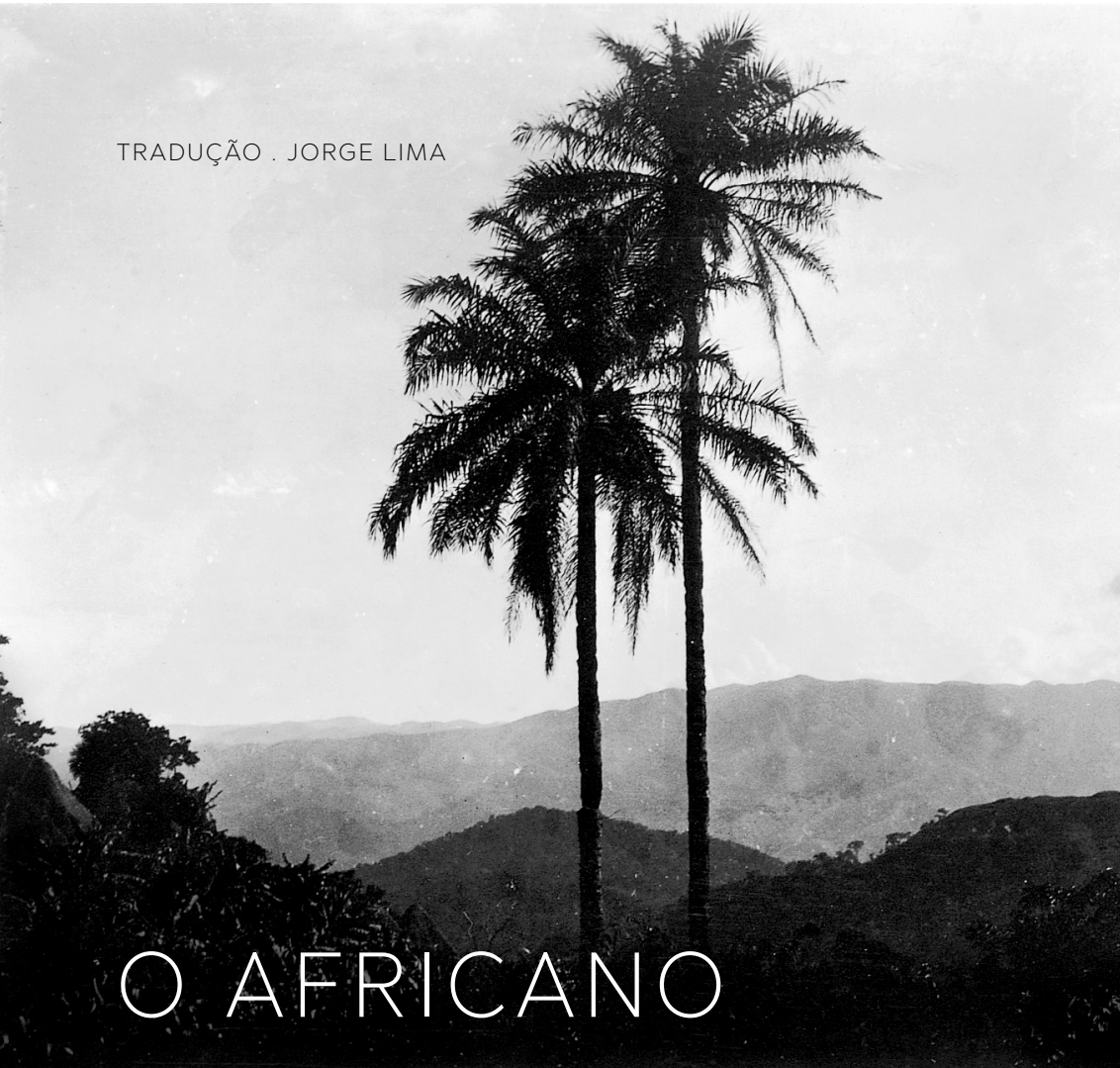


TRADUÇÃO . JORGE LIMA



O AFRICANO

J. M. G.
LE CLÉZIO

FICÇÃO • MEMÓRIAS

Qualquer ser humano provém de um pai e de uma mãe. É possível não os reconhecer, não os amar, duvidar deles. Mas estão lá, com o seu rosto, as suas atitudes, os seus modos e as suas manias, as suas ilusões, as suas esperanças, a forma das suas mãos e dos seus dedos dos pés, a cor dos seus olhos e a dos seus cabelos, a sua maneira de falar, os seus pensamentos, provavelmente a idade da sua morte – tudo isso se interioriza em nós.

Durante muito tempo sonhei que a minha mãe era negra. Inventara uma história, um passado, para fugir à realidade aquando do meu regresso a África, a esse país, a essa vila onde não conhecia ninguém, onde me tornara um estrangeiro. Mais tarde, chegado à idade da reforma e regressado para viver connosco em França, descobri que o meu pai era o Africano. Foi difícil de admitir. Tive de voltar atrás, de recomeçar, de tentar compreender. Em jeito de recordação, escrevi este pequeno livro.

O corpo

Deste rosto que recebi à nascença, tenho coisas a confessar. Primeiro, que tive de o aceitar. Afirmar que não me agradava seria dar-lhe uma importância que não possuía quando eu era criança. Não o odiava, ignorava-o, evitava-o. Não o observava nos espelhos. Anos a fio, acho que nunca o vi. Nas fotografias, desviava o olhar, como se outro qualquer me tivesse substituído.

Aos oito anos, aproximadamente, vivi na África Ocidental, na Nigéria, numa região bastante isolada na qual, à excepção do meu pai e da minha mãe, não havia europeus, e a Humanidade, para a criança que eu era, se compunha exclusivamente de Ibos e Yoroubas. Na cabana onde morávamos (a palavra *cabana*¹ tem qualquer coisa de colonial que pode chocar hoje em dia, mas descreve adequadamente o alojamento funcional que o governo inglês previra para os médicos militares: uma laje de cimento por chão, quatro paredes feitas de placas de cimento sem reboco, um telhado de chapa ondulada coberto de folhagem, nenhuma decoração, redes presas às paredes a servir de camas e, única concessão ao luxo, um chuveiro ligado por canos de ferro a um reservatório no tecto aquecido pelo sol). Na cabana, portanto, não havia espelhos nem quadros, nada que pudesse lembrar-nos o mundo onde vivêramos até então. Um crucifixo que o meu pai afixara à parede, mas sem representação humana. Foi então que aprendi a esquecer. Palpita-me que é a minha entrada nesta cabana, em Ogoja, que assinala o apagamento do meu rosto, e dos de todos os que me rodeavam. A esse tempo, por assim dizer, consecutivamente, remonta a aparição

¹ No original francês, *case*. (N. do T.)

dos corpos. O meu corpo, o corpo da minha mãe, o corpo do meu irmão, o corpo dos rapazitos da vizinhança com quem brincava, o corpo das mulheres africanas pelos caminhos, ao redor da casa, ou no mercado, junto ao rio. A estatura, os seus seios pesados, a pele luzidia das costas. O sexo dos rapazes, a glândula rosa circuncidada. Rostos, sem dúvida, mas lembrando máscaras de couro, endurecidos, costurados de cicatrizes, de marcas rituais. Os ventres proeminentes, o broto do umbigo semelhante a um seixo cosido sob a pele. O odor dos corpos também, o toque, a pele não rude, mas quente e ligeira, eriçada de milhares de pelos. Tenho esta impressão de grande proximidade, do número de corpos à minha volta, algo que não conhecera antes, qualquer coisa de novo e familiar ao mesmo tempo, que excluía o medo.

Em África, o impudor dos corpos era magnífico. Transmítia campo, profundidade, multiplicava as sensações, formava uma rede humana em torno de mim. Harmonizava-se com a terra ibo, com o traçado do rio Aiya, com as cabanas da aldeia, com os seus tectos de cor fulva, as suas paredes cor de terra. Brilhava nesses nomes que penetravam em mim, e significavam muito mais que os nomes dos lugares: Ogoja, Abakaliki, Enugu, Obudu, Baterik, Ogrude, Obubra. Impregnava a muralha da floresta pluvial que nos cercava por todos os lados.



Quando somos pequenos, não usamos palavras (e as palavras não são gastas). Estou, nesse tempo, muito longe dos adjetivos, dos substantivos. Não posso dizer, tão-pouco pensar: admirável, imenso, força. Porém, sou capaz de o sentir. A que ponto as árvores de troncos retilíneos se lançam na abóbada nocturna fechada sobre mim, encerrando como num túnel a brecha sangrenta da estrada de laterite que liga Ogoja a Obudu, de tal modo que, nas clareiras das aldeias, sinto os corpos nus, brilhantes de suor, as silhuetas amplas das mulheres, os meninos agarrados às suas ancas, tudo isso que forma um conjunto coerente, isento de falsidade.

A entrada em Obudu, lembro-me bem dela: a estrada deixa a sombra da floresta e penetra a direito na aldeia, em pleno sol. O meu pai parou o carro, ele e a minha mãe têm de falar com os funcionários. Fico sozinho no meio da multidão, não tenho medo. As mãos tocam-me, percorrem-me os braços, os cabelos em torno da orla do chapéu. No meio de todos os que se comprimem em meu redor, há uma mulher velha, bom, não sei se é velha. Suponho que é em primeiro lugar na sua idade que reparo, pois distingue-se dos meninos nus e dos homens e mulheres vestidos mais ou menos à ocidental que vejo em Ogoja. Quando a minha mãe volta (talvez um nadinha inquieta com a aglomeração), indico-lhe a mulher: «O que é que ela tem? Está doente?» Lembro-me desta pergunta que fiz à minha mãe. O corpo nu daquela mulher, feito de pregas, de rugas, a sua pele como um odre esvaziado, os seios alongados e flácidos, pendendo sobre o ventre, a sua pele encarquilhada, manchada, um pouco cinzenta, tudo isso me parece estranho e, a um tempo, verdadeiro. Como poderia imaginar que esta mulher era a minha avó? E sentia, não horror nem piedade, mas, pelo contrário, amor e interesse. O amor e o interesse que suscitam a visão da verdade, da realidade vivida. Recordo apenas esta pergunta: «Ela está doente?» Queima-me ainda por dentro, estranhamente, como se o tempo não tivesse passado. E não a resposta – sem dúvida, tranquilizadora, quiçá um pouco incomodada – da minha mãe: «Não, não está doente, é velha, só isso.» A velhice, sem dúvida mais chocante para uma criança no corpo de uma mulher, porque ainda, porque sempre, em França, na Europa, terra das cintas e dos saíotes, dos sutiãs e das

combinações, as mulheres estão habitualmente isentas da doença da idade. O ardor nas bochechas que sinto ainda hoje, que acompanha a pergunta ingênua e a resposta brutal da minha mãe, como um estalo. Permaneceu em mim sem resposta. A pergunta não era seguramente *Porque é que esta mulher ficou assim, desgastada e deformada pela velhice?*, mas *Porque me mentiram? Porque me esconderam semelhante verdade?*

A África era o corpo, mais do que o rosto. Era a violência das sensações, a violência dos apetites, a violência das estações. A primeira recordação que tenho desse continente é a do meu corpo coberto de uma erupção de pequenas bolhas provocadas pelo calor extremo, uma afecção benigna de que padecem os brancos após entrarem na região equatorial, e que em francês dá pelo nome cómico de «bourbouille» – em inglês, *prickly heat*. Encontro-me na cabina do barco que percorre lentamente a costa, ao largo de Conakry, Freetown, Monrovia, nu sobre o beliche, escotilha aberta para deixar entrar o ar húmido, corpo salpicado de pó de talco, com a impressão de me situar num sarcófago invisível, ou de ter sido apanhado como um peixe na rede, enfarinhado antes de ser frito. A África que já me arrancava o rosto entregava-me um corpo, doloroso, febril, esse corpo que França me ocultara na doçura debilitante do lar da minha avó, sem instinto, sem liberdade.

Aquilo que eu recebia no barco que me conduzia a esse outro mundo era igualmente a memória. O presente africano apagava tudo o que o precedera. A guerra, o confinamento no apartamento de Nice (vivíamos cinco em dois quartos esconsos, ou seis, se contarmos com a criada Maria, da qual a minha avó resolvera não prescindir), as rações, ou então a fuga para a montanha onde a minha mãe se via forçada a esconder-se, com medo de ser levada pela Gestapo – tudo isso se apagava, desaparecia, tornava-se irreal. A partir de agora, para mim, haveria um antes e depois a África.

A liberdade em Ogoja representava o reino do corpo. Ilimitado, o olhar, do alto da plataforma de cimento sobre a qual a casa estava construída, semelhante ao habitáculo de uma jangada sobre o oceano de ervas. Se fizer um esforço de memória, consigo reconstituir as



fronteiras vagas desse domínio. Alguém que tivesse conservado a memória fotográfica do lugar espantar-se-ia com aquilo que uma criança de oito anos avistava daí. Sem dúvida, um jardim. Não um jardim de recreio – existia neste país alguma coisa que fosse recreativa? Antes um espaço utilitário, no qual o meu pai plantara árvores de fruta, mangueiras, goiabeiras, papaieiras e, para servirem de sebe diante da varanda, laranjeiras e limeiras cujas folhas as formigas tinham, na sua maioria, costurado para fazer os seus ninhos aéreos, transbordando de uma espécie de penugem algodoadada que lhes abrigava os ovos. Algures nas traseiras da casa, no meio do matagal, um galinheiro onde coabitavam galinhas e pintadas, cuja existência eu detectava apenas pela presença, ao alto no céu, de abutres que o meu pai alvejava de vez em quando a tiros de carabina. Um jardim, em todo o caso, porque um dos empregados lá de casa ostentava o título

de «garden boy». A outra extremidade da casa destinava-se às cabanas dos criados: o «boy», o «small boy», e sobretudo o cozinheiro, que a minha mãe muito apreciava, e com quem cozinhava pratos, não à francesa, mas sopa de amendoim, batatas assadas ou «fofu», essa pasta de inhame que era o nosso alimento habitual. De tempos a tempos, a minha mãe lançava-se com ele em experiências: compota de goiaba ou papaia cristalizada, ou ainda sorvetes que batia à mão. Nesse pátio havia sobretudo crianças, em grande número, que chegavam todas as manhãs para brincar e conversar, e as quais só deixávamos ao cair da noite.

Tudo isso poderia transmitir a impressão de uma vida colonial, muito organizada, quase cidadina – ou, pelo menos, campestre, à maneira de Inglaterra ou da Normandia pré-industriais. Era, no entanto, a liberdade total do corpo e do espírito. Em frente à casa, na direcção oposta à do hospital onde trabalhava o meu pai, começava uma extensão sem horizonte, com uma ligeira ondulação onde o olhar podia perder-se. A sul, a encosta conduzia ao vale brumoso do Aiya, um afluente do rio Cross, e às aldeias Ogoja, Ijama, Bawop. Para norte e para leste, eu via o grande plaino fulvo semeado de termiteiras gigantes, entrecortado por riachos e pântanos, e o início da floresta, os bosques de gigantes, irokos, okoumés, tudo coberto por um céu imenso, uma abóbada de azul cru onde ardia o sol, e que era invadida, invariavelmente à tarde, por nuvens que traziam a trovoadas.

Recordo-me da violência. Não uma violência secreta, hipócrita, aterrorizadora, como a que conhecem as crianças nadas no meio de uma guerra – esconder-se para sair, espiar os alemães de capotas cinzentas roubar os pneus do *De Dion-Bouton* da minha avó, ouvir em sonho remoer as histórias de tráfico, espionagem, palavras veladas, mensagens que chegavam do meu pai através do canal do senhor Ogilvy, cônsul dos Estados Unidos, e sobretudo a fome, a carência de tudo, o rumor segundo o qual as primas da minha avó se alimentavam de cascas. Essa violência não era verdadeiramente física. Era surda e oculta como uma maleita. Tinha o corpo minado por ela, ataques de tosse irreprimíveis, enxaquecas tão dolorosas que me escondia sob a saia do cadeirão, com os punhos pressionados sobre as órbitas.

Ogoja proporcionava-me uma outra violência, aberta, real, que me fazia vibrar o corpo. Era visível em cada pormenor da vida e da natureza circundante. Trovoadas como nunca voltei a ver nem a sonhar desde então, o céu de tinta riscado por relâmpagos, o vento que dobrava as grandes árvores em volta do jardim, e arrancava as palmas do tecto, rodopiando na sala de jantar, passando sob as portas, sem excepção, e soprando pelos candeeiros a petróleo. Em algumas noites, um vento rubro vindo de norte, que fazia brilhar as paredes. Uma força eléctrica que tinha de aceitar, de apaziguar, e para a qual a minha mãe me ensinara um jogo, contar os segundos que nos separavam do impacto do raio, ouvi-lo chegar quilómetro após quilómetro, e depois afastar-se rumo às montanhas. Numa tarde, o meu pai operava no hospital quando o raio entrou porta adentro e se expandiu pelo solo sem um ruído, fundindo os pés metálicos da marquesa e queimando as solas de borracha das sandálias dele. Depois o relâmpago recompôs-se e fugiu por onde entrara, como um ectoplasma, para regressar ao fundo do céu. A realidade residia nas lendas.

